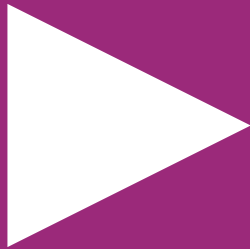


Maria Manuel Baptista
Rui Alexandre Grácio
Renata Castelo Branco Araujo
Thaís Azevedo
Francisco Welligton Barbosa Jr
(Org.)

Sexualidades e Lazer





Maria Manuel Baptista
Rui Alexandre Grácio
Renata Castelo Branco Araujo
Tháís Azevedo
Francisco Welligton Barbosa Jr
(Org.)

Sexualidades e Lazer

Entidades Organizadoras



Programa Doutorral em Estudos Culturais – PDEC/UA

FINANCIAMENTO



Projeto: UIDB/04188/2020

FICHA TÉCNICA

Título

Sexualidades e Lazer

Organização

Maria Manuel Baptista
Rui Alexandre Grácio
Renata Castelo Branco Araujo
Thaís Azevedo
Francisco Wellington Barbosa Jr

Capa

Elaborada a partir de uma ilustração de Cauê Xopô

Edição, paginação e design gráfico

Grácio Editor

1ª edição: novembro de 2022

ISBN: 978-989-53846-6-2

© Grácio Editor

Travessa da Vila União, 16, 7.º drt 3030-217 COIMBRA

Telef.: 239 084 370

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

A redação e revisão dos textos são de responsabilidade dos autores.

Reservados todos os direitos

Publicação financiada por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04188/2020

Comissão Científica

Adriano Gonçalves da Silva, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil
Aline Ferreira, Universidade de Aveiro, Portugal
Aline Tschöke, Instituto Federal do Paraná, Brasil
António Cascais, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Carmo Gê Pereira, Universidade do Porto, Portugal
Catarina Nadais, Universidade de Coimbra, Portugal
Cathia Alves, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil
Clara Sarmento, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Cláudia Regina Bonalume, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Conceição Nogueira, Universidade do Porto, Portugal
Elis Miranda, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Gabriela Nicolau dos Santos, Universidade de Aveiro, Portugal
Gisele Carvalho, Instituto Federal do Pará, Brasil
Graziela Perosa, Universidade de São Paulo, Brasil
Helder Isayama, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Hélia Bracons, Universidade Lusófona, Portugal
Isabel Samuel Vilanculo, Universidade Save-Maxixe, Moçambique
Jenny Sousa, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
João Florêncio, Universidade de Exeter, Reino Unido
Larissa Latif, Universidade Federal do Pará, Brasil
Maria Carmo Carvalho, Universidade Católica Portuguesa, Portugal
Maria de Maria Quialheiro, Universidade de Aveiro, Portugal
Maria Manuel Baptista, Universidade de Aveiro, Portugal
Maria Priscila Pessanha Castro, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Marie Luce Tavares, Instituto Federal de Minas Gerais, Brasil
Miguel Vale de Almeida, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
Muriel Emídio Pessoa do Amaral, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Rosely Cubo, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas - Universidade de Aveiro, Portugal
Rui Alexandre Grácio, Universidade de Aveiro, Portugal
Simone Rechia, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Tania Mara Vieira Sampaio, Instituto Federal de Goiás, Brasil

Este livro reúne das comunicações disponibilizadas aos organizadores e apresentadas ao VIII Congresso Internacional em Estudos Culturais: Sexualidades e Lazer, realizado nos dias 23, 24 e 25 de novembro de 2022.

Endereço do Congresso: <https://viiiicongresso.estudosculturais.com>

PORNOTOPIA EM QUADRINHOS: A FICÇÃO TEATRALIZADA DA SEXUALIDADE EM *MAGDA, DEUS AOS DOMINGOS* E *GAROTA SILAT*¹

| Edmilson Miranda Jr²

Resumo

Este trabalho emprega o conceito de pornotopia de Paul B. Preciado e a abordagem crítica de Theresa Tensuan sobre as histórias em quadrinhos para analisar a representação das personagens *Magda*, *Deus aos domingos* e *Garota Silat*, criadas pelo quadrinista Rafael Campos Rocha. A investigação também emprega a perspectiva de Marlucy Paraíso, para assumir os quadrinhos nos quais as três personagens são protagonistas como textos culturais voltados para o lazer e entretenimento. Com base na metodologia de análise de conteúdo descrita por Bardin, pretende-se demonstrar pornotopias como modelos de masculinidade inventados para produção e consumo de prazer afirmando-se em histórias em quadrinhos simultaneamente reprodutoras e críticas dessa mesma masculinidade. Isto é, o modo como as personagens têm seu corpo feminino representado reproduzem a ficção teatralizada da sexualidade sobre a qual fala Preciado e, ao mesmo tempo, desafiam essa mesma ficção ao apresentar discursos que flertam com a proposta decolonial, questionadora de estruturas simbólicas hegemônicas patriarcais. Nesse sentido, as personagens confirmam a leitura de Tensuan sobre os quadrinhos, oferecendo uma visão das práticas performáticas, rituais familiares e convenções culturais que delineiam diferenças individuais e coletivas no contexto nas quais se inserem, o contexto de um Brasil permeado por complexas disputas sobre o conceito de gênero culturalmente construído.

Palavras-chave

Decolonialidade; entretenimento; histórias em quadrinhos; lazer; pornotopia.

¹ Trabalho apresentado durante o VIII Congresso Internacional em Estudos Culturais: Sexualidades e Lazer.

² Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: edmilson.miranda@ua.pt.

Intenções

Rafael Campos Rocha é quadrinista, roteirista, escritor e artista plástico. Sua produção como quadrinista obteve destaque com a personagem “Deus”, *essa gostosa*, que começou nas páginas da *Ilustríssima*, suplemento cultural do jornal *Folha de São Paulo*, e foi publicada em 2012, pelo selo Quadrinhos e Cia da editora Companhia das Letras. Desde então, a personagem foi novamente publicada na edição *Deus aos domingos* (Rocha, 2018), pela editora Veneta. Proponho a análise da personagem Deus na obra *Deus aos domingos* (Rocha, 2018), reunida com outras duas publicações do mesmo autor, nas quais as protagonistas também são mulheres não-brancas: *Garota Silat* (Rocha, 2022), publicada inicialmente em perfil de Instagram do autor e *Magda* (Rocha, 2016), publicada pelo selo Quadrinhos e Cia da editora Companhia das Letras.

Deus aos domingos (Rocha, 2018) apresenta a criadora do universo, onisciente, onipotente e onipresente, mulher negra de pele escura, fã de futebol, e sexualmente desinibida. Em *Magda* (Rocha, 2016), lê-se uma aventura que mistura ficção científica e terror, protagonizada por uma mulher negra de pele clara, natural da Paraíba – estado do nordeste brasileiro –, e dotada de poderes obtidos pela fusão com uma alienígena em forma de barata gigante. *Garota Silat* (Rocha, 2022) é uma mulher trans, indonésia, exímia lutadora de artes marciais e inserida em tramas de conteúdo pornográfico. Este texto foca em como as três obras abordam questões identitárias – especificamente questões feministas e ligadas ao racismo e xenofobia –, apoiado na ideia de que quadrinhos podem reproduzir estruturas simbólicas orientadoras de determinadas subjetividades, ao mesmo tempo em que desafiam o leitor a questionar essas estruturas (Tensuan, 2020).

Portanto, para compreender transformações culturais marcadas nas Histórias em Quadrinhos, utilizo a abordagem de Tensuan (2020), que relaciona formulações estéticas de subjetividade e práticas de transformação social nos quadrinhos. Soma-se a perspectiva Afrofuturista – assumida aqui como filtro analítico – para discutir como as obras apresentam diferenças culturais e questões relativas a gênero, raça e sexualidade, expressas na representação imagética das protagonistas.

Quadrinhos registram diferença

Tensuan (2020) investiga de que forma os quadrinhos registram a diferença em suas produções, “em particular como os corpos representados nos

quadrinhos manifestam hierarquias de diferença” (Tensuan, 2020, p. 140). Nesse sentido, as três personagens analisadas e a trama na qual estão inseridas manifestam a lógica patriarcal sobre o corpo feminino, ao mesmo tempo em que desafiam tal lógica, colocando mulheres não-brancas numa posição de poder frente às demais personagens na trama. Na perspectiva Afrofuturista, as obras registram diferenças quando propõe alternativas às relações de poder instituídas para mulheres na cultura hegemônica. Especificamente: para uma mulher Negra, como acontece com a personagem Deus; para uma mulher nordestina, como acontece com Magda; e para uma mulher transgênero indonésia, como é o caso da personagem Kali em *Garota Silat*.

Por Afrofuturismo me refiro à expressões estéticas marcadas por uma contundente crítica sobre a questão racial, cujo termo é cunhado nos Estados Unidos (Dery, 1994) e se espalha como uma cultura de resistência em diferentes países. Trata-se de um “movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e estudos acadêmicos” (Yaszek, 2013, p. 1). Entende-se o Afrofuturismo como “uma ficção especulativa ou ficção científica escrita por autores afrodiaspóricos e africanos” (Yaszek, 2013, p. 1) que dramatizaram a questão racial, inventando um futuro brilhante para pessoas de cor vivendo um mundo tecnocultural.

Para orientar os elementos que estruturam a análise das obras busco obter pela descrição do conteúdo “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção” das mensagens (Bardin, 2011, p. 48). Ou seja, a análise de conteúdo, conduz essa investigação no sentido de explorar “outras realidades *por meio* das mensagens” (Bardin, 2011, p. 50). Para tanto, a análise descreve detalhes específicos contidos nas obras buscando responder as seguintes questões: Até que ponto ideias que reforçam a ficção teatralizada da sexualidade, ou imagens produzidas por essas ideias – que reproduzem essa ficção enviesada e carregada do imaginário machista patriarcal – podem servir para produzir uma crítica sobre essas mesmas imagens? Seria possível perceber essas imagens pornográficas – a partir do modo como são apresentadas, de maneira quase que caricatural –, como uma crítica aos tropos patriarcais que reproduzem?

Ao analisar o contexto construído para as narrativas das três personagens: Magda, Deus e Kali, é possível perceber que estão envolvidas por um conteúdo que flerta com a caricatura, por exagerar a erotização da figura feminina. Ao mesmo tempo em que também se aproxima da proposta decolonial, criticando

símbolos do capitalismo ocidental impressos no “imaginário do mundo colonial/moderno”³ (Mignolo, 2012, p. 3).

Em *Magda* (Rocha, 2016), o papel ocupado pela protagonista – cujo nome dá título a obra – alinha-se ao Afrofuturismo por se tratar de uma mulher negra em um futuro distópico, posição que apresenta camadas mais profundas no contexto cultural brasileiro. Isso porque, Magda é uma imigrante nordestina, vinda de fora do eixo Rio-São Paulo, instituído no imaginário brasileiro como eixo concentrador de poder político e econômico no país.

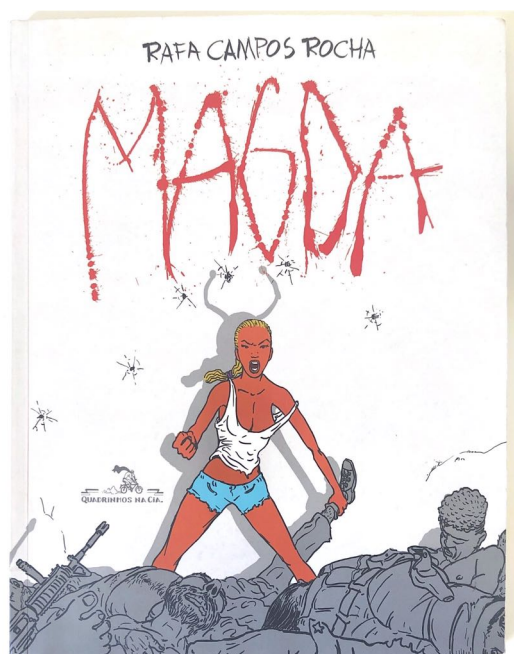


Figura 1 – Magda

Outro aspecto afrofuturista é o ambiente criado para a narrativa: um futuro no qual as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo são assoladas por uma infecção que torna as pessoas semelhantes a zumbis. Nesse futuro, Rocha imagina consequências da desigualdade brasileira contemporânea. Vemos aí como a obra questiona representações de poder instituídas ao propor imaginá-las em um ambiente alternativo. Como explica Tensuan, os quadrinhos são capazes de renegociar dicotomias produzidas no imaginário hegemônico:

³ No original: *the imaginary of the modern/colonial world*. (Mignolo, 2012, p. 3)

dicotomias criadas entre alto e baixo, notícias e entretenimento, o eu e os outros como um meio de traçar circulações de poder e reverberações de violência e de reformular a compreensão do leitor de como certas narrativas e visões ganham capital cultural enquanto outras são lançadas à margem. (Tensuan, 2020, p. 141)

A narrativa de uma derrocada do centro econômico brasileiro apresenta uma alternativa ao projeto instituído pelo “sistema mundo europeu / euro norte americano moderno / capitalista colonial / patriarcal” (Grosfoguel, 2009, p. 1), e o faz quando imagina um desvio no sentido esperado para o estado da concentração de recursos historicamente construída no Brasil. Esse tipo de desvio orienta a perspectiva decolonial.

O pensamento decolonial surge como reflexões propostas por autores sensíveis às realidades latino-americanas, e emergindo do conjunto de produções dentro do campo dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. A decolonização é um diagnóstico e um prognóstico afastado e não reivindicado pelo *mainstream* do pós-colonialismo, envolvendo diversas dimensões relacionadas com a colonialidade do ser, saber e poder. Para explorar essas dimensões, podemos traçar um caminho que parte dos Estudos Culturais passa pelo Grupo Sul-asiático de Estudos Subalternos e alcança o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos.⁴ Entre o grupo asiático e o latino-americano situa-se a crítica pós-colonial, que “caracteriza o sistema capitalista enquanto sistema cultural” (Grosfoguel, 2009, p. 60). A partir dessa crítica se estabelecem as questões discutidas pelos Grupos de Estudos Subalternos que nutrem o pensamento decolonial. O ponto de debate que desemboca na perspectiva decolonial é o privilégio do “cânone epistêmico ocidental por parte da escola subalterna sul-asiática” (Grosfoguel, 2009, p. 43). É Mignolo (2012) quem utiliza o conceito de diferença colonial para expor esse processo. Segundo descreve, a diferença colonial teve início quando “missionários espanhóis julgaram e classificaram a inteligência e a civilização humanas” (Mignolo, 2012, p. 3), que “foi um momento inicial na configuração da diferença colonial e na construção do imaginário atlântico; que se tornará o imaginário do mundo colonial/moderno” (Mignolo, 2012, p. 3) É inclusive nessa diferença que se instala a imposição de uma estrutura racial de dominação, o que Aníbal Qui-

⁴ Com base na organização feita por Ramón Grosfoguel (2009), segundo ele “Salvo raras exceções, a maioria dos teóricos pós-coloniais vem do campo das humanidades, de áreas como a literatura, a retórica e os estudos culturais. Apenas uma pequena parte dos acadêmicos do campo da pós-colonialidade vem das ciências sociais, nomeadamente da antropologia.” (Grosfoguel, 2009, p. 59)

jano chamou de colonialidade do poder: a “imposição da idéia de raça como instrumento de dominação” (Quijano, 2005, p. 136).

Em *Deus aos domingos* (Rocha, 2018), a personagem é onipresente, onipotente e onisciente, pois é a criadora do universo. Sua proposta narrativa desafia diretamente o imaginário cristão ocidental ao apresentar uma oposição à imagem de Deus como um homem branco. Isso porque, a ideia de Deus representado como uma mulher negra enfrenta a “colonialidade do poder” (Quijano, 2005, p. 136) no sentido de expor a lógica hegemônica como um imaginário construído e passível de ser reimaginado. Assim, se para a lógica colonial a ideia de raça subjugava determinados grupos, colocar uma representante desse grupo como a imagem do Deus cristão subverte essa lógica, apontando suas contradições.

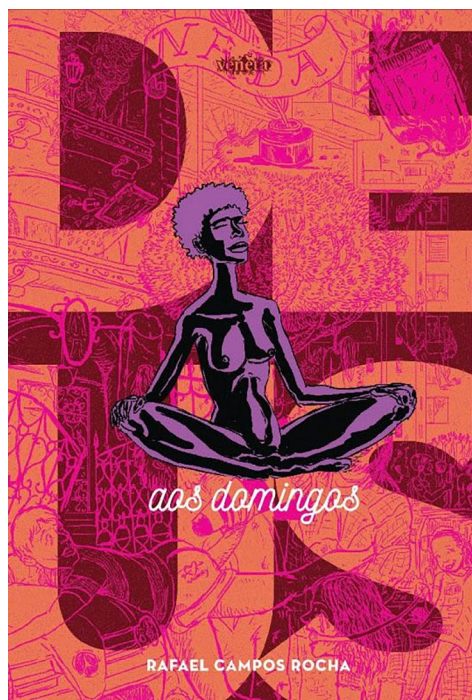


Figura 2 – Capa de *Deus aos Domingos* (Rocha, 2018)

Noutro momento da narrativa, elementos afrofuturistas se destacam. Deus está em um futuro no qual o eurocentrismo deu lugar a um mundo no qual a Europa não representa um centro econômico e cultural. Vemos a pro-

tagonista discutir com sua namorada sobre os suíços, que nessa realidade são “os únicos humanos que ainda trabalham como seguranças! Dizem que podem até mesmo usar de violência” (Rocha, 2018, p. 28). Apresenta-se o que parece ser preconceito contra pessoas brancas – uma irônica inversão da “colonialidade do poder” (Quijano, 2005, p. 136), e a conversa segue para explicar que naquele futuro o capitalismo foi substituído por outro sistema, demonstrando um mundo que passou por mudanças culturais profundas. Nessa página lemos:

(...) esse símbolo que eles têm na testa... / É um euro... a última moeda europeia antes da “crise final do capitalismo”. / Todo suíço, quando nasce, recebe essa tatuagem, uma recordação de seu grande passado, quando eram chamados “os guardiões do capitalismo”. (Rocha, 2018, p. 28).



Figura 3 – Deus aparece em um futuro sem eurocentrismo

Nas páginas da edição, vê-se outros momentos da existência infinita de Deus, nos quais é possível identificar o discurso decolonial. O texto inverte lógicas atualmente hegemônicas, como a ideia de mulheres negras submissas, e imagina possibilidades de futuro em que grupos hoje marginalizados assumem a posição dominante. Apresenta-se uma disputa de poder travada no campo do imaginário.

Em *Magda* (Rocha, 2016), o discurso decolonial também se apresenta. As escolhas narrativas para a composição do argumento da obra contribuem para observar um discurso que procura combater o “sistema mundo” (Grosfoguel, (2009, p. 1) propondo uma crítica ao preconceito contra nordestinos por parte de uma elite econômica sudestina. Preconceito conectado ao racismo instituído na sociedade brasileira contemporânea.

Segundo Lélia Gonzalez, convivemos com o resultado de um sofisticado procedimento de negação do racismo na sociedade brasileira, algo que atende de maneira “disfarçada” (Gonzalez, 1988, p. 72) ao projeto de “branqueamento” do país, “o racismo latino-americano, suficientemente aprimorado para manter negros e índio na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas” (Gonzalez, 1988, p. 73). Gonzalez (1988) concorda com as revisões críticas pós-coloniais e decoloniais ao questionar relações de poder que permanecem atuando ainda em sintonia com a lógica colonial e revelando a presença de grupos que, embora sejam oficialmente livres, permanecem “subalternos” no discurso; “definidos como uma diferença da elite.” (Spivak, 2010, p. 60). Em *Magda* (Rocha, 2016) esse conflito está no discurso da protagonista:

(...) vocês não conseguiram me esmagar antes, quando cheguei da Paraíba. Não conseguiram quando tinham o diploma comprado pelo papai e as roupas compradas pelo diploma. E não vão conseguir agora, que não passam de carne. Carne branca, mole e mimada do Sudeste, é o que vocês são. (Rocha, 2016, p. 84)

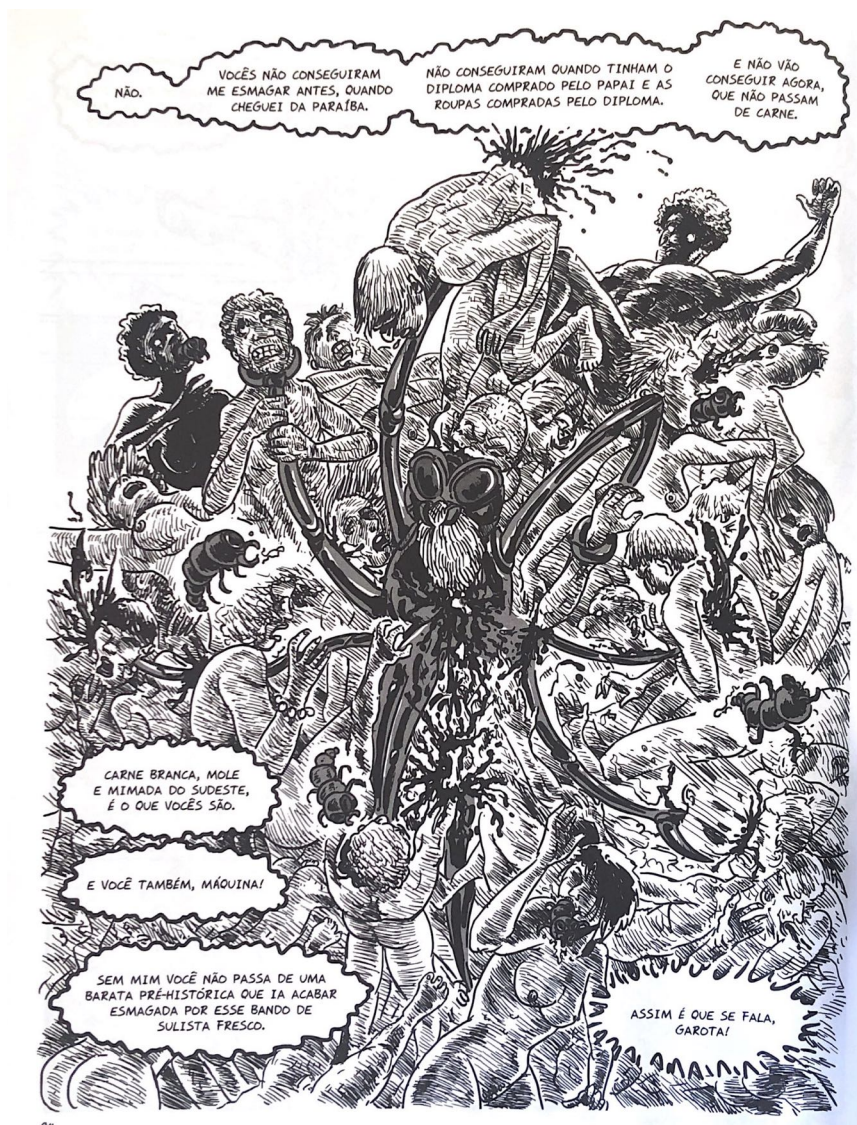


Figura 4 – Nordeste resiste

Magda desafia a concentração de recursos no sudeste do Brasil, vociferando emocionada a sua indignação, no clímax da aventura. Essa fala também desafia a predominância de protagonistas brancos nas histórias em quadrinhos. Nesse sentido, o texto reivindica a voz para um grupo subalternizado no Brasil: os nordestinos. Esse grupo, não por acaso, é de maioria negra e car-

rega consigo aspectos das epistemologias difundidas pela diáspora africana no país (Gonzalez, 1988).

No entanto, ao mesmo tempo em que discute o preconceito contra nordestinos no Brasil, a iconografia escolhida para Magda ecoa vozes patriarcais, quando coloca a protagonista em posições gráficas que reproduzem o discurso da ficção teatralizada da sexualidade discutida por Preciado (2020). As poses da protagonista ecoam o imaginário construído nos EUA pela *Playboy*, o qual apela “diretamente ao desejo sexual dos leitores” (Preciado, 2020, p. 27). Trata-se de um imaginário produzido em um contexto histórico específico, que se estabelece como a pornotopia *Playboy* dos anos 1950 e condiciona “a atual proliferação de outras pornotopias multimídia que se afirmam como as futuras formas de comércio sexual.” (Preciado, 2020, pp. 218–219)

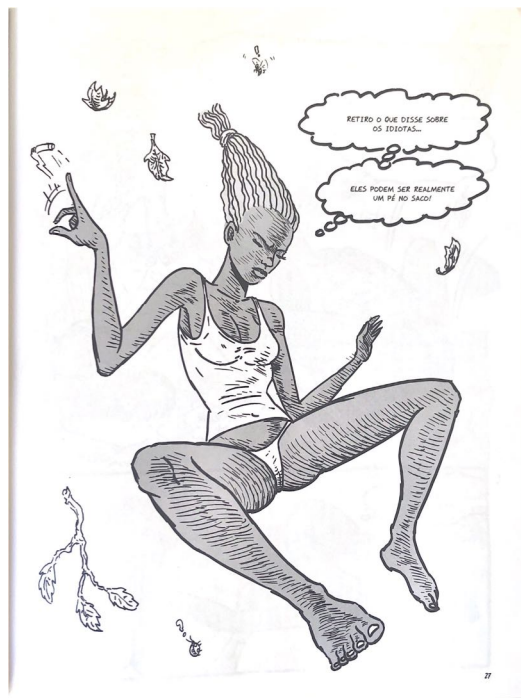


Figura 5 – Ficção teatralizada da sexualidade

O conceito de Pornotopia (Preciado, 2020) diz respeito à construção de um modelo de masculinidade. Trata-se da fabricação de “uma masculinidade mítica capaz de suportar a crise da heterossexualidade no século XX e de fazer

frente às ameaças da liberação feminina e da utopia transgênero” (Preciado, 2020, p. 217). Para elaborar o que seria a pornotopia, Preciado recorre ao conceito de heterotopia de Foucault: “contraespaços provisórios, onde as regras morais são suspensas e onde vigora outra temporalidade” (Facioli, 2011, p. 218), por exemplo os bordéis, nos quais a moralidade dá lugar à outros costumes, instituídos especificamente para aquele ambiente. Assim, a pornotopia estabelece relações singulares entre um espaço, a sexualidade, o prazer e a tecnologia, implicando numa alteração de convenções sexuais e de gênero, o que, por sua vez, produz subjetividades sexuais derivadas dessa alteração.

Portanto, o que vemos como uma escolha de representação na imagem de Magda, também está presente nas representações de Deus e Kali, a *Garota Silat*, demonstrando a presença da pornotopia, recorrente no trabalho do criador das personagens. Se em Magda, esse aspecto da ficção teatralizada da sexualidade se mostra nas poses e destaques escolhidos para a personagem, essa sexualidade é mais direta nas histórias de Deus, e assumidamente pornográfica em *Garota Silat*.



Figura 6 – Exposição da sexualidade da personagem Deus

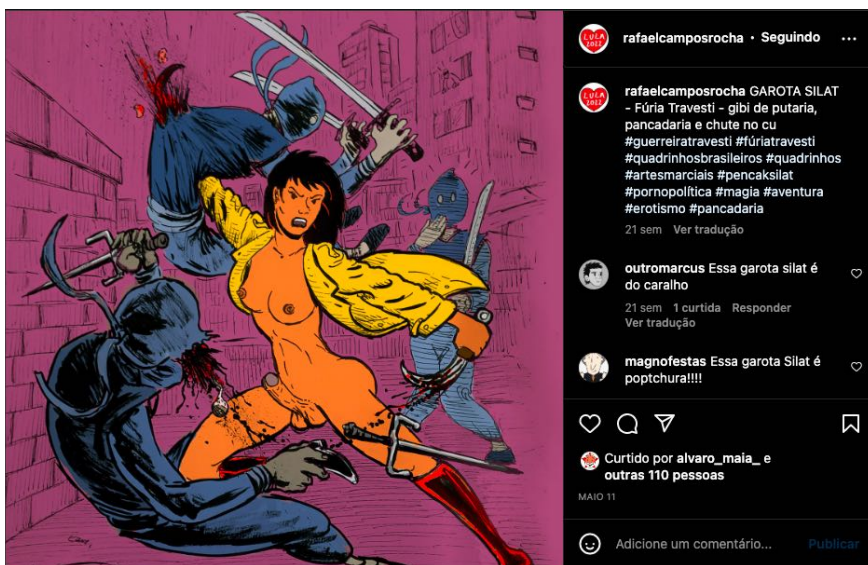


Figura 7 – *Garota Silat* é assumidamente uma história pornográfica. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CdbhY8lOmjA/> Acesso em 12 de outubro de 2022

Em *Garota Silat* (Rocha, 2022), temos a história de um “ser encantado com características femininas e masculinas.”⁵ O autor mistura elementos da cultura indonésia, com clichês de histórias de espionagem e fantasia, para elaborar as aventuras de uma mulher transgênero. Rocha escolhe apresentar suas histórias em pequenos contos pornográficos, focados na virilidade de Kali, nome da personagem que inicialmente era apresentada somente com o pseudônimo genérico que intitula sua série. No entanto, o caráter simplista dessa premissa se articula com a postura crítica do texto. Isso porque, referências ao pensamento decolonial ficam evidentes nos temas e personagens que compõem a narrativa. Como por exemplo, na imagem que parodia o quadro de Delacroix, *A liberdade guiando o povo*, de 1830. Destaca-se a frase que preenche a bandeira erguida pela protagonista: “A revolução será latina, africana, asiática & Travesti!”

⁵ Segundo descreve o autor em postagem de seu perfil no Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CerOTWSOB-v/> Acesso em 12 de outubro de 2022.

Nas três narrativas, o poder pertence à mulheres não-brancas, subvertendo as relações opressoras que se constituem no “mundo colonial/moderno”⁶ (Mignolo, 2012, p. 3). Subversão que acontece a partir da extrapolação de costumes e relações normalizadas. A crítica decolonial surge, portanto, na caricatura.

O exagero caricatural pode ser exemplificado pelos vilões de *Garota Silat* (Rocha, 2022), são eles: uma organização chamada de OTAN, clara referência à Aliança Atlântica criada contra a união soviética no início da guerra fria; Biden, referência direta ao atual presidente norte-americano; e Daniel Créu, paródia de Daniel Craig, ator que interpreta James Bond, símbolo de masculinidade no cinema dos anos 1980 e 1990.



Figura 9 – Paródia de James Bond. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CfrPswCIP-2/>; Acesso em 12 de outubro de 2022

No último arco narrativo publicado no Instagram, a paródia de James Bond é representada como uma personagem submissa e dominada pela protagonista *Garota Silat*. Nesse sentido, a caricatura proposta nessa escolha de abordagem para as personagens parece argumentar contra o *status quo*, invertendo o sentido de narrativas orientadas por tropos narrativos patriarcais, isto é, colocando um símbolo de masculinidade no lugar de submissão em relação a protagonista. Esse episódio mostra que a missão de Silat seria seduzir o máscara espião, ou seja, apesar de seu evidente poder físico de artista marcial, a protagonista usa uma dança sensual para atingir seu objetivo.

⁶ No original: *modern/colonial world*. (Mignolo, 2012, p. 3)



Figura 10 – Dança sensual. Disponível em <https://www.instagram.com/p/Ce6QbHquJQp/>
Acesso em 12 de outubro de 2022

Assim, cabe notar que *Garota Silat* repete a dinâmica apresentada em *Deus aos domingos* e *Magda*, isso porque, diferente dos episódios nos quais Kali performa como uma heroína de ação – cuja força e habilidade são maiores do que a de seus oponentes –, nesse episódio, seu poder é limitado à sua sexualidade. Demonstra-se, portanto, a dicotomia entre os aspectos críticos expostos nas narrativas e a reafirmação de uma sexualidade feminina estereotipada, principalmente quando se refere a figura da mulher negra, “representada pela iconografia machista e racista como mais livre e liberada” (hooks, 2019, p. 134). Nesse sentido, as histórias em quadrinhos de Rocha articulam representações de poder. Isso porque, “renegociam as dicotomias (...) como um meio de reformular a compreensão do leitor” (Tensuan, 2020, p. 141). Isto é, as histórias oscilam entre a crítica decolonial e o exagero na reprodução de conceitos patriarcais, utilizando essa reprodução como uma caricatura que expõe esses conceitos e questiona sua validade.

Lazer e diferença

A cultura exerce um peso epistemológico que orienta a organização das atividades de lazer, atuando inclusive nas linguagens e posturas usadas por instituições, grupos e indivíduos que promovam as práticas de lazer ou que as pratique (Paraíso, 2010). Desse modo, abordar uma atividade de lazer como texto cultural pode ajudar a compreender os efeitos que determinadas práticas de lazer têm sobre os corpos de indivíduos submetidos às suas expressões.

Magda (Rocha, 2016), joga com os efeitos das práticas de lazer em sua narrativa quando propõe um diálogo de resistência com mulheres nordestinas, sensíveis a sua leitura de forma diferente da que seriam leitores homens, principalmente se originais de outras regiões do Brasil.

É imediato. Eu vejo tudo. A vida desse edifício e a vida do meu raptor. E do ninho. E da máquina. Sua enorme vida, de uma só vez. Não como contamos nossas vidas uma para a outra. Uma lenta conversa, cheia de recato e respeito. Não é uma conversa. É um estupro. Como quando os homens falam. Nenhuma modéstia, nenhum interesse no ouvinte. É um estupro, mas vou resistir. Como resisti à universidade, à escola e ao trabalho. Vou resistir. E depois vou matar todos vocês. (Rocha, 2016, p. 97)



Figura 11– Magda resiste

O autor compartilha sua percepção sobre uma intimidade que desconhece. Lemos a história de dentro da cabeça de Magda, portanto, enxergamos o universo que nos é apresentado sob o que, segundo o autor, seria o olhar de uma mulher nordestina negra. Para tanto, Rocha toca na questão das agressões

feitas às mulheres nordestinas e de como, para essas mulheres, existir significa resistir constantemente, desde à infância até a vida adulta. Como essa abordagem, podemos observar um exemplo de história em quadrinhos que extrapola para revelar códigos visuais partilhados. Isso porque, segundo Tensuan, pelo excesso na exposição de convenções culturais, “os quadrinhos podem mostrar como os tropos narrativos e os códigos visuais tanto montam um mundo reconhecível quanto desafiam suposições sobre o mundo além do quadro cômico” (Tensuan, 2020, p. 141). Ou seja, os quadrinhos não apenas expõem convenções culturais, mas também desafiam essas convenções, como se vê quando a obra aborda a questão do racismo:

Sua certidão de nascimento de João Pessoa, eu sei! Uma deliciosa ironia histórica, não acha? Lembra do Alessandro? Aquele biólogo racista que queria testar seu DNA porque não acreditava que um nordestino pudesse ter o “gene da ciência”? Voilá! Aqui o Alessandro! Contaminado e servindo de cobaia para que analisemos o seu DNA, sangue e tudo o mais que o corpo dele aguentar nos fornecer! / Tenho que admitir. Tem um gostinho bom, sim. (Rocha, 2016, p. 74)

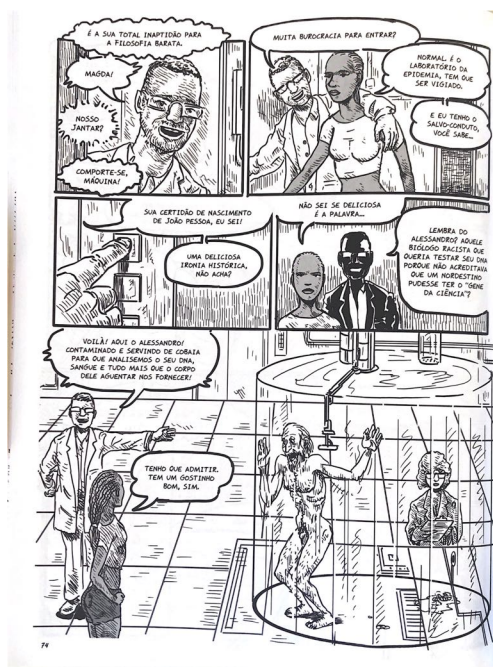


Figura 12 – racismo estrutural

Portanto, embora os quadrinhos atuem dentro de um processo de reafirmação daquilo que Audre Lorde definiu como “norma mítica (...) geralmente definida como branca, magra, masculina, jovem, heterossexual, cristã [sic], e financeiramente segura” (Lorde, 1984, p. 116), existem quadrinhos que se situam fora dessa norma. Ou, como explica Tensuan: “os quadrinhos, através das justaposições embutidas em sua própria forma, podem transmitir as complexidades e congruências inesperadas reveladas por uma política localizada de diferença” (Tensuan, 2020, p. 146).

Assim, guiado pela perspectiva afrofuturista, alinho *Magda* (Rocha, 2016), *Deus aos domingos* (Rocha, 2018) e *Garota Silat* (Rocha, 2022) ao olhar de Marlucy Paraíso (2015): como textos culturais que contribuem para pensar formas curriculares voltadas para lazer e entretenimento. Textos que, ao invés de aprisionarem, reativam forças, no sentido do compromisso com as relações étnico-raciais e as demais questões identitárias que constituem “a problemática da diferença” (Paraíso, 2015, p. 50), na qual estamos inseridos. Para tanto, parto da compreensão de que o texto cultural é uma prática de significação produtiva diretamente envolvida com as relações de poder, que gera condutas e orienta processos de subjetivação (Paraíso, 2010), pensamento assumido aqui como em sintonia com a abordagem de Tensuan (2020) a respeito das Histórias em Quadrinhos. Isto é, os quadrinhos carregam o potencial para uma política da diferença, “eles desafiam o leitor a ver o mundo de forma diferente em um sentido melhor” (Tensuan, 2020, p. 148).

Magda (Rocha, 2016), e também *Deus aos domingos* (Rocha, 2018) e *Garota Silat* (Rocha, 2022), atuam em ambas as frentes: tanto ecoando os protocolos que estruturam a vida da classe média moderna, quanto desafiando-os. Isso porque tratam-se de obras que também estão inseridas no mesmo espaço heteronormativo que outras Histórias em Quadrinhos “mostrando assim como as práticas de representação surgem e contribuem para as estruturas ideológicas, bem como para as tradições estéticas” (Tensuan, 2020, p. 144). São, portanto, exemplos válidos de quadrinhos que contribui para “dar forma e consistência às subjetividades emergentes” (Tensuan, 2020, p. 148) e, a partir delas, propor alternativas para o futuro dos que expressam essas subjetividades.

Referências bibliográficas

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (1ª ed. 1977) (L. A. Reto & A. Pinheiro (trads.); 4ª). Edições 70.

- Dery, M. (1994). Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. Em M. Dery (Ed.), *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture* (pp. 179–222). Duke University Press.
- Facioli, L. (2011). De espectadores a protagonistas: pornotopia Playboy e as novas formas de produção e consumo de prazer. *Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCar*, 2, 213–220.
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, 92, 69–82.
- Grosfoguel, R. (2009). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global (I. M. Ferreira, Trad.). *Periferia*, 1(2), 41–91.
<https://doi.org/10.12957/periferia.2009.3428>
- hooks, bell. (2019). *Olhares negros: raça e representação (1ª ed. 2014)* (S. Borges (trad.)). Elefante.
- Lorde, A. (1984). *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Crossing Press.
- Mignolo, W. D. (2012). *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton University Press.
- Paraíso, M. A. (2010). Currículo e formação profissional em lazer. In H. F. Isayama (Ed.), *Lazer em estudo: currículo e formação profissional* (pp. 27–58). Papirus.
- Paraíso, M. A. (2015). Um currículo entre formas e forças. *Educação*, 38(1), 49.
<https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18443>
- Preciado, P. B. (2020). *Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia* (M. P. G. Ribeiro (trad.)). N-1 Edições.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Ed.), & J. C. C. B. Silva (Trad.), *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 227–278). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf
URL
- Rocha, R. C. (2016). *Magda. Quadrinhos na Cia*.
- Rocha, R. C. (2018). *Deus aos domingos* (Vol. 1). Veneta.
- Rocha, R. C. (2022). *Garota Silat*. <https://www.instagram.com/rafaelcamposrocha/>
- Tensuan, T. (2020). Difference. Em C. Hatfield & B. Beaty (Eds.), *Comics Studies: a Guidebook* (pp. 138–150). Rutgers University Press.
<https://lcn.loc.gov/2019050055>
- Yaszek, L. (2013). Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism. *A Virtual Introduction to Science Fiction*, 180, 1–11.

«Sexualidades e Lazer» é um tema amplo e poliédrico que propõe uma articulação ainda pouco versada — entre o tópico das sexualidades e o tópico do lazer — no âmbito dos Estudos Culturais. Trata-se de um tema que coloca problemas epistemológicos e metodológicos sobre os quais é importante refletir e que convoca um esforço para pensar as dinâmicas da cultura na sociedade contemporânea. Os trabalhos reunidos neste volume tematizam a referida articulação, em perspectivas diversas e através de vias de acesso diferenciadas. E representam um contributo para o aprofundamento da reflexão e da investigação sobre a temática proposta.

